

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

COSTA, Wanderley Ferreira da; FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Política e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. *O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo*. 2007. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/melissa-neli.pdf>. Acesso em: 20-11-2016.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

PIRES, Maria; FERREIRA, Lúcia; LIMA, Daniel. Alfabetização, professor alfabetizador e prática pedagógica. *Letra Magna: Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, ano 06, n 13, 2º sem.2010.

ROMANATTO, Mauro Carlos. *O livro didático: alcances e limites*. Disponível em: <http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-Mauro.doc>. Acesso em: 25-10-2016.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: _____. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. Organizado por Kabengele Munanga. [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 7. ed. São Paulo: Ática 1989.

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:
UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM REALIZADA
EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO ENSINO MÉDIO**

Juvanete Ferreira Alves Brito (UESB)

juvanetealves@gmail.com

Gilvanei de Oliveira Souza (UESB)

Heloísa Santos da Silva (UESB)

Jéssica Moreira dos Santos (UESB)

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar como a abordagem ao fenômeno da variação linguística foi feita por uma coleção de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino. Para tanto, foram tomados como suporte teórico os pressupostos da sociolinguística variacionista e, dentre os teóricos relevantes, serão considerados os trabalhos de Marcos Bagno (2007 e 2013) e, de um modo geral, as propostas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, no que se refere às recomendações e parâmetros para o ensino de língua portuguesa. De modo complementar, outros teóricos de igual relevância que tratam da temática em pauta também serão inseridos na discussão, a saber: Dinah Callou (2011), Carlos Alberto Faraco (2008) e Luiz Carlos Travaglia (2004). Desse modo, pretende-se verificar se a abordagem feita pela coleção em questão se mostra satisfatória e condizente com as propostas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e se a mesma dá suporte para o bom desenvolvimento da prática docente no sentido de conscientizar o aluno ao longo da sua formação quanto à importância, complexidade e riqueza do fenômeno da variação linguística.

Palavras chave: Variação linguística. Livro didático. Ensino de língua portuguesa.

1. Introdução

São comuns na pedagogia moderna, diagnósticos que traçam panoramas e evidenciam as carências do ensino de língua no Brasil. A linguística, por exemplo, é uma das ciências que tem dado contribuições significativas, não só no sentido de evidenciar esses problemas, mas também no de apresentar subsídios para solucioná-los, ou, ao menos amenizá-los. Além disso, diversas são as discussões, levantadas por teóricos, que permeiam o cenário da educação atualmente, demonstrando que ainda há muito a se fazer para que esta chegue a um patamar considerado satisfatório. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que são o respaldo máximo para um ensino produtivo, também têm discutido recorrentemente questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa, seus

objetivos e metodologias adequadas para que os mesmos sejam alcançados, o que, no entanto, nem sempre acontece.

Em se tratando especificamente das contribuições da linguística, a sociolinguística, ramo da linguística que faz estudo da língua a partir da relação entre esta e a sociedade, tem discutido a questão do ensino de forma exaustiva a partir das possibilidades de inserção efetiva do conteúdo de variação linguística na sala de aula. No entanto, apesar de toda a contribuição dada, existem algumas questões que têm impossibilitado essa efetivação no trato do fenômeno nas aulas de língua portuguesa nas escolas. Tal problema pode ser atribuído a diversos fatores, inclusive ao material utilizado como apoio para esse ensino: o livro didático, que será o objeto tomado aqui como foco para a discussão acerca do ensino de variação linguística na educação básica.

O presente trabalho consiste, então, em uma análise do modo como a variação linguística vem sendo abordada em livros didáticos do ensino médio, levando em consideração a importância atribuída ao conteúdo no material utilizado por professores de uma escola pública, nas três séries do ensino médio. Para atingir os objetivos propostos, tomaremos como base, principalmente, as proposições de Marcos Bagno (2007), em seu texto "A Variação Linguística nos Livros Didáticos", no qual o autor trata, justamente, das problemáticas que envolvem a abordagem do conteúdo nos manuais. Desse modo, discutiremos como o conteúdo é desenvolvido na coleção analisada, quais os problemas identificados e as recomendações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, no que tange o ensino de língua portuguesa na educação básica. A teoria de base para a realização da análise e discussão é, portanto, a sociolinguística variacionista.

Essa análise se justifica pela necessidade de se discutir questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa no Brasil, em especial as que estão relacionadas ao trato do fenômeno de variação linguística, uma vez que é notável certa "negligência" na abordagem desse conteúdo por parte da maioria dos livros didáticos de escolas públicas. A discussão em questão se mostra relevante por contribuir com tantas outras relacionadas à inovação do ensino de língua que se encontra em notável defasagem. Espera-se assim apresentar discussões pertinentes que contribuam para uma melhor visão do modo como o ensino de língua portuguesa tem se desenvolvido na educação básica, além de provocar uma reflexão mais aprofundada acerca das possibilidades de melhorias e avanços.

2. *O ensino de língua e variação: como tem sido feito?*

O ensino, de um modo geral, no Brasil, vem sofrendo mudanças notáveis no decorrer do tempo. Mudanças que se devem, dentre tantos outros fatores, à necessidade de inovação, à incorporação de novos objetivos para a aprendizagem, à inserção de novas competências a serem desenvolvidas pelos alunos... Uma das evidências dessas mudanças são as inovações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que são documentos elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura com a finalidade de oferecer às instituições de ensino e aos professores da educação básica, subsídio e respaldo para um ensino eficiente e qualificado.

Em se tratando especificamente do ensino de língua portuguesa para o ensino médio, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* atribuem como um dos seus objetivos o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. Isso não pautado no domínio técnico do uso da língua legitimado pela norma padrão, mas no saber usar as mais diversas variedades linguísticas em uma diversidade de contextos sem, no entanto, eleger uma privilegiada. Nesse sentido,

O desenvolvimento da competência linguística do aluno no ensino médio, dentro dessa perspectiva, não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas, principalmente, no saber utilizar a língua em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamento e reflexões sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes. (PCNEM, 2000, p. 11)

O papel do educador é decisivo nesse processo. “O trabalho do professor centra-se no objetivo do desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilidades em diferentes esferas sociais” (PCNEM, 2000, p. 18). É o professor que, se bem preparado, vai dar sentido ao ensino de língua para que tais objetivos sejam alcançados de modo efetivo.

Uma das realidades ainda vivenciadas no ensino de língua portuguesa nas escolas e que dificulta o alcance dos objetivos propostos pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, é o fato de se ter ainda um ensino baseado apenas no domínio do padrão gramatical, com pouca, ou quase nenhuma noção de variação linguística. Desse modo, o aluno, ao concluir as séries finais da educação básica, não o faz, na maioria das vezes, com as noções mínimas do que vem a ser língua ou variação linguística.

Na verdade, o ensino de língua portuguesa, que poderia ser mais produtivo em termos de conteúdo, ficou restrito, na maioria das vezes, ao ensino de gramática, apenas. Costumou-se atribuir a essa gramática (a normativa) o papel de instituir regras de bom uso da língua e essas regras ainda são as aplicadas em sala de aula através dos livros didáticos e da prática docente. O problema não é com o ensino da gramática em si, mas no modo como se faz esse ensino. A esse respeito, Carlos Alberto Faraco (2008, p. 185) afirma que “não se condena propriamente o ensino de gramática- que foi sempre elemento central da tradição escolar brasileira – mas seus defeitos”. As críticas, segundo Carlos Alberto Faraco, se voltam, em especial, para a “obsessão do erro a ênfase na terminologia e não nos fatos e o formalismo excessivo na análise sintática tradicional” (FARACO, 2008, p. 185). O espaço que poderia ser ocupado pelo ensino de variação, por exemplo, acaba por ser preenchido pelo ensino excessivo de gramática. Desse modo, os objetivos do ensino não se aproximam das determinações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e, na maioria das vezes, não condizem com a realidade linguística/cultural/social do aluno.

Para Luiz Carlos Travaglia (2004), “o objetivo maior e prioritário do ensino de língua portuguesa, como língua materna, no ensino médio e fundamental, é a formação de usuários competentes da língua” (TRAVAGLIA, 2004, p. 96). Ou seja, o ensino deve ter como meta o trabalho com a competência comunicativa do aluno. O autor afirma ainda que se deve ter em vista

que todo falante nativo tem competência no uso de pelo menos uma (ou algumas) variedade(s) da língua quando chega à escola, o objetivo mais pertinente e importante do ensino de língua materna seria, como já dissemos, desenvolver a competência comunicativa desse falante. (TRAVAGLIA, 2004, p. 97)

Nesse sentido, de acordo com a concepção de Luiz Carlos Travaglia, a gramática normativa deve sim ser ensinada, mas apenas como uma variedade linguística a mais para que o indivíduo faça uso. O objetivo do ensino se torna assim mais amplo abarcando a gramática e todas as outras variedades linguísticas. Ele deixa de ser focado em uma única teoria, tida como prestigiada, e o aluno passa a ter contato com o máximo de variedades possível, sendo instruído a fazer uso das mesmas, nos mais variados contextos.

Parece consenso, pelo menos entre os linguistas, que o objetivo do ensino de língua é o desenvolvimento da competência linguística do aluno. E esse consenso parte do pressuposto de que todo aluno ao chegar à escola já tem domínio da variedade linguística que fala no dia a dia, ca-

bendo à instituição e aos professores o papel de apresentar a ele as demais variedades sobre as quais ainda não tem domínio. Mas o processo de ensino de variação linguística na escola pode não ser tão simples.

Na concepção de Marcos Bagno (2007, p. 119) “o tratamento da variação linguística no livro didático, que é um dos instrumentos basilares para o ensino de português nas escolas, é um tanto problemática”. Marcos Bagno afirma que há um empenho por parte dos autores dos livros em combater o preconceito linguístico e valorizar a pluralidade linguística existente, mas a falta de base teórica consistente e a confusão no emprego de termos e conceitos acabam por prejudicar a abordagem do conteúdo.

O problema apresentado por Marcos Bagno reflete negativamente no ensino da variação linguística, já que o livro é, talvez, o único material que o professor tem à sua disposição para o ensino de Língua Portuguesa e, de um modo ou de outro, os equívocos presentes neles são repassados aos alunos. Se a abordagem da variação linguística não for feita de modo coerente no livro didático, o ensino também será defasado. Para Marcos Bagno (2007, p. 120), “um dos maiores problemas encontrados nesses livros é o trato da variação linguística como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas menos escolarizadas”. Se em sala de aula o ensino da variação linguística for direcionado por tais definições, a única coisa que o professor vai conseguir é fomentar um preconceito já existente e criar uma visão limitada e estereotipada acerca do fenômeno.

Outro problema apresentado pelo autor está relacionado com as atividades propostas nos livros para serem feitas em sala de aula. Em sua maioria, os exercícios propõem ao aluno que passe uma determinada variedade (geralmente a de pessoas que habitam as zonas rurais) para a norma culta. Para Marcos Bagno (2007, p. 123), “tal atividade acaba se revelando preconceituosa”. Não há sentido ter como objetivo do ensino o respeito às variedades linguísticas, se em um exercício o aluno é obrigado a adequar uma dessas variedades a outra considerada correta. Diante da problemática, o autor apresenta como sugestão o trabalho com variações linguísticas autênticas. Não há problema, segundo ele, em trabalhar com algumas variedades em específico, o problema está na autenticidade do material utilizado como exemplo dessas variações. A sugestão do autor é que a variação linguística seja tratada com o uso materiais reais sem se recorrer a exemplos batidos e estereotipados.

Além de Marcos Bagno, outros teóricos, como Dinah Callou

(2011) também tecem considerações acerca do ensino de língua e variação na escola. Para a autora, muitas estratégias podem ser usadas nesse ensino “entre elas, a de levar o aluno a reconhecer a variação inerente à língua que faz com que cada grupo social possua sua própria variedade, mas ao mesmo tempo seja capaz de conviver com todas as outras” (CALLOU, 2011, p. 27). Esse processo de conscientizar o aluno sobre a variação da língua parece ser o melhor caminho antes de colocá-lo em contato com as variedades existentes, mas, e este contato, como deveria se dar?

Dinah Callou (2011) diz ser a prática da leitura e da escrita de fundamental importância para que os objetivos do ensino sejam alcançados, pois “fará com que o indivíduo entre em contato com uma pluralidade de normas, além da sua própria” (CALLOU, 2011, p. 28). Para a autora, “é fundamental em sala de aula fazer o aluno ter contato com a língua falada e escrita e fazê-lo produzir textos os mais variados, levando-o sempre à compreensão do sentido global do texto e dos mecanismos produtores desse sentido”. (CALLOU, 2011, p. 28)

O material que tem chegado às salas de aulas para auxiliar o professor de língua portuguesa no ensino não tem feito uma abordagem coerente, nem proposto atividades adequadas sobre o conteúdo de variação linguística. Além de a abordagem se mostrar limitada a um ou dois capítulos, no máximo, a forma como é feita também não colabora para o perfeito entendimento do fenômeno. A abordagem, conforme atesta Marcos Bagno (2013), não traz exemplos reais e autênticos da variação e acaba por estigmatizar ainda mais o trato do fenômeno do que realmente ensinar sobre ele. Um dos problemas destacados por Marcos Bagno e que é notável na maioria dos livros didáticos é a ilustração do fenômeno da variação com exemplos que remetem ao falar de habitantes das zonas rurais, “É visível nos livros didáticos a tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas” (BAGNO, 2013, p. 82). Esse problema presente nos livros didáticos, aliado à prática de professores pouco preparados, acaba por tornar o ensino de variação ineficiente e a aprendizagem defasada.

3. O livro didático na escola: um olhar crítico

A distribuição de livros didáticos para dar suporte ao ensino na educação básica é um direito assegurado do aluno e dever do estado. O

Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), segundo o portal do MEC, é um programa que tem como objetivo primário oferecer suporte para o desenvolvimento do trabalho pedagógico dos professores com a distribuição de coleções de livros didáticos para as escolas de educação básica. O processo de distribuição das coleções se dá, segundo o MEC, primeiramente pela avaliação das obras disponibilizadas pelas editoras. Esse processo é feito por meio do próprio Ministério da Educação, que oferece às escolas o *Guia de Livros Didáticos* contendo as resenhas das coleções consideradas aprovadas segundo a avaliação do ministério. O guia, com as resenhas, é direcionado às escolas, que, juntamente com a equipe pedagógica, escolhe dentre as coleções oferecidas, aquela que se aproxime mais da proposta da instituição e se enquadre ao seu projeto político pedagógico.

Desse modo, pode-se perceber que a distribuição das coleções de livros para a educação básica envolve todo um processo de seleção, avaliação e só posteriormente é que se disponibiliza o material para os alunos. No entanto, diante das problemáticas encontradas na abordagem de alguns conteúdos dessas coleções, conforme discutiremos aqui, podemos inferir que tal processo, em algum momento, se mostra falho, visto que uma simples avaliação de algumas das coleções, como a de língua portuguesa do ensino médio, que tomamos como objeto para a realização dessa análise, já aponta inadequações na abordagem de alguns conteúdos, como o de variação linguística, por exemplo, que vem sendo tratado de modo negligente e insuficiente.

Em relação aos livros destinados à disciplina de língua portuguesa, de um modo geral, o problema é mais notável, justamente, no que se refere à abordagem do conteúdo de variação linguística. Para Marcos Bagno (2007), apesar de a qualidade dos livros didáticos disponibilizados para a escola pública ter dado um salto com a criação do Programa Nacional do Livro Didático, “o tratamento da variação linguística continua sendo um tanto problemático” (BAGNO, 2007, p. 119). Segundo o autor, é notável uma vontade, por parte dos escritores, de elaborar um material de qualidade que contemple o conteúdo e que colabore no combate ao preconceito linguístico e na valorização da pluralidade linguística do português brasileiro, mas “a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança” (BAGNO, 2007, p. 119). Desse modo, o que se percebe é que

a problemática dessa questão transcende a vontade de combater o problema e passa a se situar na qualificação dos elaboradores do material.

Marcos Bagno apresenta, nessa perspectiva, uma proposta de roteiro para a análise dos livros didáticos de língua portuguesa, a fim de identificar os problemas existentes nos mesmos, no que diz respeito ao trato do conteúdo de variação linguística. Ao todo, são dez questões propostas pelo autor que diagnosticam o conteúdo como um todo e em pontos específicos. O roteiro proposto pelo autor será tomado aqui como base norteadora para a análise da coleção de livros do ensino médio de uma escola pública. A coleção em questão é de autoria de Leila Lauer Sarmento, que é graduada pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e é autora de vários livros didáticos, publicados pela Editora Moderna; e Douglas Tufano, que é graduado em letras e pedagogia pela USP, dedicado ao magistério desde 1969, passou por escolas particulares e públicas do estado de São Paulo e ministrante de cursos de capacitação para professores de todo o Brasil, além de ser autor de vários livros didáticos e paradidáticos, publicados por diversas editoras do Brasil com experiência em monitoria de grupos em visitas didáticas a museus de arte no Brasil e no exterior.

A coleção em questão, *Português: Literatura, Gramática e Produção Textual*, apresenta um problema visível em primeira análise. O conteúdo de variação linguística é abordado efetivamente em apenas um dos volumes, o livro que é destinado ao primeiro ano. Esse fato já demonstra que não houve preocupação na abordagem do fenômeno e dá a entender que a mesma só foi feita apenas por ser obrigatória. O problema da superficialidade e limitação na abordagem da variação na coleção em análise já aponta para o modo como o conteúdo de variação linguística vem sendo negligenciado nos livros didáticos. Consequentemente, tal problema afeta de forma direta a prática de ensino, se considerar que esse material é que dá base para a atuação do professor em sala de aula e, de certa forma, orienta o aluno durante o seu percurso no ensino médio. Desse modo, a análise aqui proposta, que se segue na próxima seção, se limita a apenas um volume da coleção, visto que os volumes destinados ao segundo e terceiro ano não fazem nenhuma menção ao conteúdo e tratam apenas de conteúdos relacionados à gramática, literatura e produção textual, todos isoladamente.

4. A variação linguística no volume 01 da coleção "Português: Literatura, Gramática e Produção Textual"

No primeiro volume da coleção, o único que aborda o conteúdo de variação linguística, é perceptível que a parte do livro destinada ao trato do fenômeno se resume em apenas um único capítulo. São, no total, 14 páginas do livro destinadas ao conteúdo. Ou seja, de uma coleção completa que acompanha o aluno durante todo o ensino médio, apenas um dos livros com um capítulo de quatorze páginas trata de um conteúdo demasiadamente complexo e rico que poderia ser explorado nos três volumes. Tal fato já constitui a resposta à primeira pergunta feita por Marcos Bagno em seu roteiro, a saber, *O livro didático trata da variação linguística?* Assim, a resposta mais coerente seria que a abordagem é feita sim, no entanto, de modo superficial, fragmentado e pouco organizado, já que não dialoga com os demais conteúdos do livro em que se encontra e da coleção como um todo, o que seria o ideal ou aconselhável.

A segunda questão levantada pelo autor para a análise é se *o livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil*. Até uma análise superficial do capítulo já permite afirmar que não. Os autores introduzem o capítulo com um cartaz que exemplifica um tipo de variação em específico, a histórica, sem qualquer consideração ao próprio conceito de variação, à pluralidade linguística do português brasileiro, ou qualquer texto que introduza e norteie o leitor quanto ao conteúdo abordado. A introdução do conteúdo é feita de modo descontextualizado, partindo para o específico sem mencionar o geral. Não é oferecido ao leitor, no início do capítulo, um contato com o assunto de modo sistematizado e bem-disposto com noções gerais acerca da variação, antes de falar dos seus tipos, muito pelo contrário, o leitor despreparado que nunca ouviu falar do conteúdo provavelmente terá dificuldade de entender do que realmente se trata.

A terceira questão que dá segmento ao roteiro proposto por Marcos Bagno se refere a uma problemática recorrente em grande parte dos livros didáticos de língua portuguesa: *o tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?* Em relação a esse aspecto, é perceptível que, embora os autores não apresentem a todo o momento como exemplo de variação, uma das propostas de atividade do livro traz uma tirinha da *Turma da Mônica* na qual a fala da personagem Chico Bento, que é quase sempre tomada como exemplo da variedade rural, é posta para análise. Tal fato demonstra, mesmo parcialmente, que alguns exemplos ilegítimos das variedades rurais ainda são utilizados como exemplo da variação

linguística nos livros didáticos. O problema é que os bancos de dados do Brasil dispõem de uma grande quantidade de registros reais dessas falas que poderiam ser utilizados para tal fim e, no entanto, não são.

A quarta questão proposta por Marcos Bagno para a análise do livro didático é se a obra “*apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos/escolarizados)*”. Quanto a esses tipos de variedades prestigiadas, não foram mencionadas no livro, contudo, os autores destacam que a língua varia tanto de região para região, quanto de grupo social para grupo social, embora não apresentem exemplos claros e verídicos dessas variações, deixando a abordagem apenas no campo conceitual e sem exemplos específicos.

Segundo Marcos Bagno (2007), a abordagem acerca das variedades urbanas nos livros didáticos é deixada um pouco de lado devido ao prestígio social que tem por idealização de que a fala urbana esteja em conformidade com a gramática prescritiva. Sendo assim, para o autor, “mostrar que a variação sucede em todas as camadas sociais é conscientizar de que a língua é essencialmente heterogênea, variável e mutante”. (BAGNO, 2007, p. 30)

No que diz respeito à quinta questão: se “*o livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma-padrão com a variedade real da língua*”, verificou-se que os autores apresentam a distinção entre as duas terminologias, *norma culta* e *norma padrão*. Esse é um aspecto positivo e fundamental para que os alunos entendam que os termos não são sinônimos e que a norma padrão não se constitui uma variedade real da língua, e sim um conjunto de regras padronizadas, um modelo idealizado. Averiguou-se, então, num trecho do livro, a distinção desses termos e, além de especificá-los, os autores trazem um pequeno trecho que trata também das variedades populares, ressaltando que, do ponto de vista linguístico, todas essas variedades são funcionais. O único problema em relação a essa questão está no fato de o livro não trazer exemplos de situações ou contextos de uso da língua, nem mesmo propostas de exercícios, para aprofundar melhor nessa questão, a fim de fazer com que os alunos compreendam de forma mais clara. Apesar de mostrar a diferença entre as duas terminologias, a abordagem é, portanto, no plano superficial.

A sexta questão, por sua vez, objetiva verificar se “*o tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais*”. De acordo com a análise, ave-

rigiou-se que a obra em questão não trata de fenômenos gramaticais de forma aprofundada, as exemplificações contemplam, de certo modo, a variação do léxico e do sotaque. Em relação aos níveis de variação da língua, o livro didático faz referência à língua em mudança e, portanto, procura mostrar que a variação ocorre no nível da semântica, do léxico, da fonética, da sintaxe e da ortografia, isso de forma muito limitada. Para Marcos Bagno (2007), um nível de variação linguística que deveria ser abordado e aprofundado nos livros didáticos (e que não é tratado pela coleção analisada) é a variação morfossintática. O autor considera a abordagem de fundamental importância para mostrar os diferentes usos dos recursos gramaticais empregados por cada grupo social.

A sétima questão proposta por Marcos Bagno para a análise do conteúdo é se *o livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática, ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”*. Com relação a esse aspecto, observa-se que o livro apresenta poucas informações quanto à variedade linguística, pois se restringe a um capítulo único para tratar de todo o assunto de forma extremamente superficial. Em contrapartida, nos outros capítulos, em momento algum ele desprestigia a língua e nem trata como erro nada que foge à regra. Entretanto, deve-se levar em consideração que os assuntos apresentados na seção gramática, seguem a seguinte sequência: variação linguística, semântica, figuras de linguagem, fonologia, ortografia e formação de palavras e, em um parágrafo consideravelmente curto, aborda a língua em relação à gramática. Nesta parte, os autores apresentam a concepção de gramática tomando como base os conceitos de Luiz Carlos Travaglia (2008), que concebe três tipos: normativo, descritivo e internalizado e explica as particularidades de cada uma. Em se tratando de língua, os autores a conceituam como sendo o elemento mais importante da construção cultural de um povo, ratifica a variedade linguística do Brasil e apresenta um pouco da sua constituição desde a chegada dos portugueses. O capítulo em questão, embora tenha tratado do tema com superficialidade, obedece, em termos de abordagem, as determinações dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* neste aspecto.

No que se refere à *abordagem à variação existente entre fala e escrita*, que é outro ponto de análise proposto por Marcos Bagno, observa-se que os autores tratam da relação existente entre elas, porém o faz de modo superficial. Os autores, ainda assim, tentam tratar das características que explicam as particularidades de cada uma delas, traçando um

quadro comparativo e elucidando que, na maioria das vezes, na oralidade, haverá o predomínio de hesitações como: “é...”, “num...” “é...”, e também maior ascendência de frases curtas, enquanto a escrita apresenta-se de forma linear, com predomínio de frases complexas com subordinação e um uso frequente de voz passiva.

Para introduzir o assunto sobre a relação entre fala e escrita, os autores apresentam uma charge representando um momento de conversação e, a partir do exemplo, argumentam que falamos e escrevemos de maneiras distintas. Um, às vezes, com maior grau de formalidade e outros não. Também mostram que o discurso é adaptado de acordo com o contexto e o público presente e a variamos para esclarecer ou melhorar a interação. Além disso, ressaltam que as características do texto escrito ou oral podem variar, tomando como exemplo o discurso de um político que é oral e se assemelha com a escrita e também os bilhetes, que desempenham um papel inverso, já que são textos e tem características da oralidade.

Já em relação à questão da *abordagem do fenômeno da mudança linguística* pelo livro didático, aspecto de análise que também é sugerido por Marcos Bagno, observa-se que em nenhum momento se nota a menção de tal fenômeno nem do modo como ele ocorre na língua. O livro didático já deixa muito a desejar em relação à temática da variação linguística e, além disso, não esclarece que a variação implicará futuramente na mudança. Faz-se necessário considerar que a língua de hoje é resultado de alteração que ocorrem diacronicamente. Seria relevante, nesse sentido, uma ampla inserção de textos escritos em décadas passadas, por exemplo, em contraste com alguns outros contemporâneos a fim de esclarecer para aqueles que utilizam o livro diariamente, que a língua passa por um processo de mudança constante e lento, nos mais variados aspectos e níveis ao longo do tempo, independentemente da vontade dos falantes. A ausência de abordagem do fenômeno da mudança linguística é preocupante e isso se agrava ainda mais com o fato de, em toda a coletânea, apenas o livro do 1º ano tratar do fenômeno de variação. Os autores fizeram uma seleção rápida de alguns tópicos que trabalham a variação na língua portuguesa, não mencionando o fato de que a variação constante leva á mudança. Mencionar o fenômeno da variação linguística sem mencionar a possibilidade de mudança torna a abordagem equivocada e lacunar.

Por fim, o último aspecto proposto por Marcos Bagno para ser analisado é se o livro didático *apresenta essa variação apenas para, no*

final, dizer que o que vale mesmo é a norma culta. A coletânea como um todo faz uma sucinta menção sobre o que a variação linguística, já que a abordagem se restringe a apenas um dos livros. Em contrapartida, em momento nenhum há exaltação da norma padrão da língua, em detrimento de outras variedades consideradas desprestigiadas ou não. Observa-se que os autores ao tratarem da questão da fala e escrita, por exemplo, fazem uso dos termos *adequação* e *inadequação*, o que demonstra que, pelo menos os conceitos de *certo* e *errado* vêm sendo reconstruídos. Em suma, apesar das diversas inadequações na abordagem do conteúdo, não há uma menção, pelo menos explícita, à superioridade da norma padrão em relação às variedades linguísticas existentes, embora o modo como o fenômeno é abordado em relação aos conteúdos gramaticais deixe esse fato subentendido.

5. Considerações finais

O objetivo central do ensino de língua na escola, conforme propõe os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, é o de desenvolver a competência comunicativa do aluno. Tal objetivo pressupõe que esse aluno deva, no fim da sua vida escolar, ter domínio efetivo de outras variedades linguísticas além da que ele utilizava ao entrar na instituição. Assim, o ensino de apenas uma variedade, ou a tentativa de substituição da que esse aluno domina, por outra considerada “correta” vai de encontro ao alcance desse objetivo primário. Na verdade, o alcance desse objetivo esbarra em problemas de naturezas diversas, incluindo a atuação de profissionais pouco qualificados e até mesmo a má qualidade do material, o livro didático, que dá suporte a esse profissional e direciona o aluno no decorrer desse processo.

A coleção *Português: Literatura, Gramática e Produção Textual* analisada aqui a partir da abordagem feita ao conteúdo de variação linguística apresenta problemas de naturezas diversas. O único livro da coleção que trabalha a variação não o faz de modo satisfatório, considerando-se a complexidade e riqueza do conteúdo. Nele, são encontrados problemas de organização do conteúdo, falta de introdução adequada dos conceitos, ausência de exemplos claros e eficientes e o mais grave, superficialidade na abordagem. Além disso, o problema da falta de uma explicação geral sobre o que é variação linguística e de uma abordagem acerca da pluralidade linguística existente no Brasil já torna a abordagem feita pela coleção lacunar, uma vez que o aluno começa o capítulo sem mesmo

saber do que se trata, pois os autores partem do específico para o geral, quando deveriam fazer o inverso.

Diante das inadequações e falhas encontradas na coleção *Português: Literatura, Gramática e Produção de texto*, considera-se que o seu público alvo, no que se refere exclusivamente à coleção (pois não houve pretensão de analisar a prática docente) provavelmente não concluirá a educação básica com noções claras e conceitos bem formulados acerca do conteúdo de variação linguística. A abordagem feita pelos autores da coleção se mostra, aparentemente, como um meio de adequar o material às exigências já previstas para os livros didáticos de língua portuguesa, já que há obrigatoriedade da presença do conteúdo de variação linguística. Desse modo, provavelmente, ela não dá conta dos objetivos propostos pelos próprios *Parâmetros Curriculares Nacionais* no que se refere ao ensino de variação linguística, tendo em vista o grau de compromisso com que foi feita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Sete erros aos quatro ventos*. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Língua portuguesa. Ensino médio. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 02-04-2014.

CALLOU, Dinah. *Gramática, variação e normas*. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs.). *Ensino de gramática descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Izete de Souza. *Variação linguística nas aulas de língua portuguesa: uma abordagem acerca da eficiência da aplicabilidade dos PCN*. *Revista Temática*, ano VIII, n. 02, fevereiro/2012.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática e produção de texto*. São Paulo: Moderna, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 2. ed. São Paulo:

Cortez, 2004.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi; SILVINO, Eliziane França Moreira. O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, vol. 4, n. 4, p. 83-102, jan./jun. 2008.